

20-06-2024

O Rei da Punheta

Cyleide Lourenço

[Cozinheira conversadeira. Trabalhadora autônoma]

Quando falei com Tiana (minha sobrinha que grava o que eu falo pra essa coluna e depois coloca no papel) que eu queria escrever a atual crônica com esse título ela se engasgou, depois começou a rir. Logo ela que é tão entendida de tudo. Eu até entendi, mas fingi que não. Quem teve a curiosidade de ler minha última coluna, no final de outubro do ano passado, vai lembrar que eu falei dos portugueses que eu conheci quando era menina. Aliás, fazendo um parêntese, me disseram que tem outro colunista aqui - o professor Valdir - que aprecia minhas colunas. Acho que deve de ser porque ele deve apreciar minhas receitas. Sendo assim, acho que ele vai apreciar esta de hoje. Mas, voltando aos portugueses. Minha casa era cercada deles. A maioria era de comerciantes e todos moravam por perto. Até uma vez fiquei com raiva deles, na Copa do Mundo de 1966, quando o Brasil perdeu pra Portugal por 3x1. Foi um tal de português pra todo lado com bandeiras de Portugal e do Vasco gritando igual doido pelas ruas. Mas a minha raiva durou só até Portugal sair da Copa quando perdeu pra Inglaterra. Como a portuguesada ficou borocochô eu logo esqueci a provocação que eles faziam com nós, pobres brasileiros mortais. Mas minha raiva durou pouco também por causa do Pedro Manoel. Eu era uma menina ficando quase mulherona e ele era um homenzão quase menino. Bonito! Eu ainda não dava muito pra namorar. Era um tanto cedo. Mas meus hormônios me avisavam que ele me apreciava. Ele era filho do Afonso, o português dono do botequim da praça. Eu ia muito com minhas amigas na pracinha perto de casa e a gente ia tomar refresco de groselha no bar do Afonso. Quer dizer, elas iam tomar refresco, eu ia ver o Pedro Manoel.

No balcão de vidro tinha uns petiscos: torresmo, jiló, cebola em conserva, ovo de codorna e punheta de bacalhau. Esses são os petiscos que lembro, principalmente da punheta. Como éramos todas meninas em desabrochamento adolescente não sentávamos no botequim, isso era coisa pra homem já feito e pros bebuns do bairro. Ficávamos em pé no balcão. Às vezes eu ia sozinha “tomar refresco de groselha”. Tomava dois ou três copos daquelas refresqueiras de suco do balcão e ficava conversando, adivinham com quem. Lembro do dia em que Pedro Manoel me falou que era ele que fazia a punheta todos os dias, antes de ir pra escola.

Eu nem sabia que o nome daquele petisco era punheta.

Um dia ele me deu uma punheta pra eu experimentar. Eu me apaixonei. Era muito gostoso. Até hoje, muitos e muitos anos depois, nunca comi uma punheta tão gostosa quanto aquela.

E olha que nessa minha vida de cozinheira eu já conheci muitas punhetas, feitas por muitas pessoas. Mas, igual à do Pedro nunca mais. Em meus sonhos de menina-moça, muitas vezes eu me imaginava casada com aquele rapagão portuga. Certa vez sonhei com Ele numa cozinha enorme fazendo um panelão de punheta pra mim. Ele sorria. Logo depois, mudei pra outro bairro e aquele meninão lindo foi se esvanecendo de minha memória, mas sua punheta jamais. Cheguei a pensar em ir vê-lo algum dia, mas esse dia nunca chegou. Hoje quando converso com minha amiga Fátima sobre as minhas histórias culinárias e damos muitas risadas ela sempre me pede pra lembrar da punheta do Pedro Manoel. Vocês sabem que eu sou tagarela. Quando estou cozinhando fico falando, geralmente sobre política. Enquanto a Tiana está me gravando para essa Coluna eu estou preparando uma punheta de bacalhau que já vou apresentar a receita pra vocês. E pra não fugir à regra vou falando da minha última indignação com esses deputados bolsonaristas. A Tiana sempre me fala que a raiva que eu sinto quando estou cozinhando é o tempero que dá o sabor diferente da minha comida. E a minha raiva fazendo a punheta é do projeto de lei desse deputado pastor da Assembleia de Deus pra comparar o aborto de estupradas ao assassinato. É inacreditável que o estuprador fica preso no máximo dez anos e a mulher estuprada pode pegar uma pena de até 18 anos. Que homens escrotos são esses que pensam assim? E o pior é que tem mulheres que pensam igual. Gostaria muito de saber se suas filhas estupradas engravidassem, pensariam em prendê-las por abortarem diante de um dos maiores sofrimentos sentidos pelas mulheres que é o estupro.... Sórdidos....

Sai Satanás da Câmara dos Deputados e da minha cozinha!!!

Punheta de Bacalhau

Vou usar uma travessa de vidro de mais ou menos 20 por 15 cm como era no bar do Pedro Manoel. Os ingredientes aproximados são 300 g. de bacalhau cru dessalgado, mas não totalmente; uma cebola grande sem acidez (roxa ou amarela); salsinha (ou cheiro verde); alho picado (opcional); pimentão vermelho (opcional); pimenta do reino (opcional); azeitona verde ou preta cortadinha; muito azeite colocado aos poucos durante o preparo. As porções podem variar a gosto. Desfie o bacalhau em tirinhas na travessa, misture a cebola cortada em tiras finas, coloque azeite e comece a misturar. Adicione a salsinha, coloque um pouco mais de azeite e continue misturando na travessa. Adicione as azeitonas cortadas e, caso deseje, adicione as opções: alho, pimentão e pimenta. Misture e pode adicionar mais azeite se quiser. Enfeite e sirva com pão quentinho ou torrada. Conserve na geladeira. Bom petisco....

Saudade de Pedro Manoel e sua punheta!!

■■■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.